

CAFUNÉ



Raccord Produções, Geral
e Filmes do Estação

apresentam

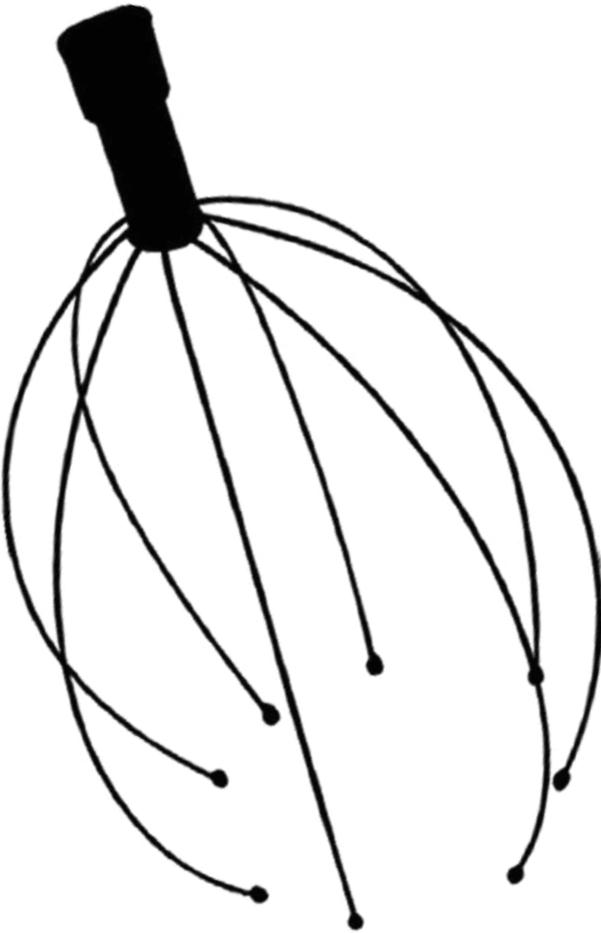
CAFUNÉ

de Bruno Vianna

“Este filme foi selecionado no Edital de Produção de Filme de Longa Metragem de Baixo Orçamento do Ministério da Cultura, Secretaria para o Desenvolvimento das Artes Audiovisuais no ano de 2003 e selecionado pelo Programa Petrobras Cultural”

O diretor Bruno Vianna
aposta na tecnologia
no seu primeiro longa-metragem

LANÇAMENTO • 25 DE AGOSTO



CRÍTICAS

“O rumo do filme se torna progressivamente difícil de se prever – e simplesmente por fazer do minuto seguinte uma incógnita, dentro de um cinema brasileiro (esse em que a temática social é apenas um fetiche entre outros) que usa ‘previsibilidade’ como palavra de ordem, CAFUNÉ já interessa bastante”.

Luiz Carlos Oliveira Jr., CONTRACAMPO.

O FILME

O primeiro longa-metragem de Bruno Vianna, **CAFUNÉ** fala de jovens de origens sociais distintas que estão iniciando a vida adulta na conturbada cidade do Rio de Janeiro.

A história coloca lado a lado jovens que, apesar do abismo social que os separa, têm em comum a falta de perspectiva profissional e pessoal, vítimas de uma comunidade cuja decadência econômica é motor de violência física e moral.

A desigualdade social é abordada, mas não é o tema central. O filme traça uma interseção entre as camadas baixa e alta, através da observação do cotidiano dessa juventude no que ela tem de mais banal.

CAFUNÉ aponta o declínio da classe média como fator gerador de violência que a torna vítima e agressora. Mostra seu medo diário da cidade e sua visão da favela, misto de fascínio e mistério, ódio e paternalismo.

“A originalidade do filme é a visão que ele oferece do Rio, falando de um tema que se discute muito em jornais e que se sente morando aqui, que é a decadência e um certo esvaziamento da cidade”.

Bruno Vianna.

SINOPSE

Ambientado no Rio de Janeiro, **CAFUNÉ** conta a história do amor entre dois jovens de diferentes classes sociais.

Marquinhos, (Lúcio Andrey) morador de favela, conhece Débora (Priscila Assum), jovem de classe média alta.

Quando a relação se torna séria, os dois se deparam com todo tipo de dificuldade, em especial a forte oposição da família de Débora.

O filme traça um desenho interior dos personagens: muito jovens são forçados a assumir a vida adulta num ambiente de violência e preconceito.

FICHA TÉCNICA

Elenco: Priscila Assum, Lúcio Andrey, Dilma Lóes, Carlo Mossy, Roberto Maya, Tessy Callado

Direção e Roteiro: Bruno Vianna

Fotografia e Câmera: Aloysio Raolino

Som: Pedro Moreira

Produção: Clélia Bessa

Arte: Rafael Targat

Montagem: Flavio Zettel e Eduardo Nunes

Edição de som: Rodrigo Marçal

Música: Felipe Rocha e Lucas Marcier

RACCORD PRODUÇÕES

A Raccord Produções tem o orgulho de produzir o primeiro longa metragem do diretor carioca Bruno Vianna. Da geração que se formou pós Era Collor, Bruno Vianna desde muito cedo dedicou-se a projetos pessoais na área de cinema.

Acompanhamos a trajetória de Bruno desde o seu primeiro curta-metragem, “Geraldo Voador”, onde já se revelava um talento bastante pessoal.

Quando discutimos a possibilidade de produzir um filme de Baixo Orçamento (BO) em 2004, procuramos diretores estreadores para projetos dentro de nosso budget. Reencontramos Bruno e selamos uma parceria com **CAFUNÉ**.

Recebemos o prêmio de R\$ 600 mil do Ministério da Cultura e esta exata quantia decidimos investir no filme. Concordamos que a filosofia do prêmio deveria ser preservada, e partimos para o planejamento de uma produção compatível com este valor. Um ano depois tínhamos o “**CAFUNÉ**” na lata.

Em agosto, “**CAFUNÉ**” vai para as salas de cinema, e traz inovações também na estratégia de seu lançamento, provando ser possível fazer, no Brasil, os mais diversos tipos de filmes.

ESTAÇÃO

O Estação, que se especializou na distribuição e em lançar clássicos do cinema mundial, filmes independentes e cinematografias pouco difundidas, inicia, em 2006, um projeto de promoção e distribuição de filmes brasileiros, priorizando produções inovadoras e alternativas, filmes ditos “pequenos” ou “médios” pelo mercado.

Tais filmes, de grande potencial artístico e cultural, precisam descobrir e conquistar seu espaço e, exatamente por essa razão, oferecem ótimas oportunidades para se desenvolver um trabalho criativo e dinâmico de lançamento, em parceria estreita com os produtores.

CAFUNÉ será o primeiro de uma cartela de filmes brasileiros que o Estação vai lançar a partir deste semestre.

DOIS FINAIS DIFERENTES

CAFUNÉ é o primeiro filme brasileiro a aproveitar avanços tecnológicos para fazer uma distribuição com versões alternativas.

O público irá assistir a finais diferentes. A proposta é apresentar um leque maior de interpretações para o filme, e surpreender a opinião pública pela imprevisibilidade, ou impossibilidade de uma visão única sobre o conflito mostrado em **CAFUNÉ**.

“É uma ferramenta interessantíssima para o diretor”, diz Bruno “Eu nunca quis amarrar o final do **CAFUNÉ**, uma vez que não acredito que as questões tratadas no filme tenham solução ou explicação”.

PRIMEIRO FILME BRASILEIRO DISPONÍVEL PARA DOWNLOAD E REMIX

CAFUNÉ inova por ser o primeiro longa brasileiro disponível para download. Pela primeira vez na história do cinema, um filme terá seu lançamento simultâneo nas salas de cinema e na internet.

A versão para download será distribuída através de uma licença “creative commons”. Qualquer pessoa poderá reeditar o filme.

A idéia é utilizar a tecnologia como aliada na democratização da cultura e também criar uma nova proposta de obra aberta e de comunicação com o espectador.

B.O. – BAIXO ORÇAMENTO

CAFUNÉ foi produzido graças aos recursos obtidos pela premiação no concurso de longas-metragens do Ministério da Cultura para produções de baixo orçamento (ou “BO”, designação preferencial na área cinematográfica).

O filme foi feito em sistema digital com o orçamento de R\$ 550 mil. **CAFUNÉ** foi praticamente pós-produzido no home office do diretor, provando ser possível, utilizando-se tecnologia disponível no mercado produzir obras de qualidade a baixo custo.

ELENCO / EQUIPE TÉCNICA

O baixo custo do filme não limitou a qualidade do filme de Bruno Vianna. “Realizei um filme B.O., mas com uma equipe altamente profissional e todos receberam seu cachê”, revela o diretor.

O filme apresenta atores consagrados que há muito não participavam de cinema: Roberto Maia (que apresentava o Documento Especial, na Manchete), Dilma Lóes (que dirigiu e atuou em diversos filmes nos anos 70), Tessa Callado e Carlo Mossy.

O elenco de estreantes conta com Priscila Assum e Lúcio Andrey nos papéis principais. Ela, formada pela UNIRIO, atuou em *Como Nascem os Anjos*, de Murilo Sales.

Ele foi do Grupo “Nós do Morro” por dez anos, hoje é assistente de direção, produtor de elenco, ator e locutor de rádio. Lúcio estagiou como assistente de direção no filme *Cidade de Deus* e trabalhou na O2, em SP, na direção de diversos comerciais.

ENTREVISTA COM O DIRETOR

“Embora você tenha declarado que a desigualdade social não é a temática principal do filme, a questão aparece claramente na relação entre a classe média e a favela, inclusive com uma inversão do convencional assumido: de que a violência parte da favela. As cenas de violência do filme são praticadas, na maioria, pela própria classe média, simultaneamente sua vítima...”

“Generalizando um pouco, o cinema brasileiro, incluindo meus primeiros curtas, costuma focar a violência que existe ou que tem origem na favela, como se fosse um problema localizado. Eu acho que estamos todos no mesmo barco, por mais que uns estejam no convés e outros nos porões. Meu projeto foi pegar a câmera e fazer um giro de 180 graus, apontando-a para nós, a classe média que geralmente está por trás da câmera, enfocando a favela. O filme mostra uma violência que também surge da classe média: o crime no fim do filme acabou acontecendo de fato, poucos meses depois da filmagem. Mas nesse universo há muitas vítimas também:

o medo e a insegurança presentes no filme afetam tanto ricos quanto pobres. Além disso, a violência não surge do nada: não podemos dissociar esse fenômeno de suas causas econômicas e sociais, e nesse aspecto todos estamos envolvidos nessa inércia, nessa não-ação, na própria decadência econômica da cidade.

O que eu acho que existe de comum entre **CAFUNÉ** e meus curtas é a humanização da violência, é mostrar onde ela nos afeta nas coisas mais banais e cotidianas. A diferença é que antes eu falava de um universo alheio, agora eu a mostro no meu próprio mundo pequeno burguês. “

‘O filme mostra também uma atitude assistencialista por parte da classe média ao lidar com o problema da pobreza. Por exemplo, na forma como a mãe de Débora trata o genro. suas propostas indignas que visam inseri-lo de certa maneira em seu mundo, em sua realidade, sem possibilitar, contudo, uma real mudança da realidade dele. O objetivo é denunciar as políticas assistencialistas tão do gosto de nosso sistema político e trabalhista?’”

“ É uma leitura da qual eu gosto, mas que não posso evitar. Mas repare que o assistencialismo do filme é também afetivo, não passa pela política do governo, e sim por uma postura diária de cada cidadão - eu devo dar esmola ou não para o menino no sinal? E tentei falar também de uma certa erotização desse assistencialismo, dessa relação que resulta de um fascínio da favela pelo asfalto e vice-versa, um fascínio que existe desde que o Mário Reis subia o morro para comprar sambas até hoje, quando a classe média vai no baile funk e patricinhas namoram traficantes”.

“ O filme nos dá indicações de algumas influências, inclusive há cenas em que é possível perceber um tom surrealista. Que influências tem seu cinema?’”

“ O filme tem momentos de realismo fantástico, gênero meio fora de moda, mas que exploro desde meus curtas. Mas acho que o que tem de mais surreal no filme é o nosso dia-a-dia”.

“A referência a Burt Lancaster no filme O Leopardo, de Luchino Visconti, em dublagem feita pelo pai de Débora, pode ser considerada uma metáfora da decadência da classe média, visto que o filme de Luchino trata justamente de uma classe em declínio?’”

“ Sim. Como disse antes, **CAFUNÉ** é um filme de um ponto de vista bem pessoal e O Leopardo me toca de muitas maneiras diferentes, já que fala da aristocracia siciliana e especialmente de sua decadência. Uma parte de minha família veio desse ensaio de aristocracia brasileira: sou descendente de um visconde, de fazendeiros escravocratas do Estado do Rio de Janeiro, e por muito tempo assisti a um esvaziamento cultural, político e econômico da cidade, com muitos colegas se mudando pro exterior ou pra São Paulo... praticamente a única pessoa da minha família ainda no Rio é meu pai. O que surge dessa decadência é o domínio da violência e crime organizado, o que se viu também na Sicília e Nápoles com o surgimento da máfia, apesar deste tema não estar presente no filme de Visconti.. O Rio e o sul da Itália são lugares sensuais, hedonistas, mas como disse Lampedusa (autor do livro que gerou o filme, quase uma autobiografia) “a sensualidade de nossos sorvetes, nossos tiros e fachadas, é um desejo de esquecimento, ou seja, de morte”. E é claro, ele também me toca porque é um filme excepcional, que não me canso de assistir.”

“ No filme, o pai da Débora levanta a questão da forma como é feita a produção de arte hoje, revelando um certo saudosismo de um tempo de romântica produção do cinema. É uma crítica ao mercado cinematográfico dos nossos dias?”

“Como já respondi antes, gosto muito das diferentes leituras abertas pelo filme. Mas acho que a personagem do pai é mais uma homenagem a esse cinema que está indo embora do que uma crítica ao cinema de hoje. Eu o vejo de maneira mais humana, como alguém cujo mundo ao redor está saindo de sincronia com a vida com a qual estava acostumado.”

“ O filme foi feito em sistema digital, incluído na categoria B.O. (Baixo Orçamento), você acredita que as inovações tecnológicas podem viabilizar a democratização da produção cinematográfica?”

“ O filme é uma prova disso, ou seja, não poderíamos fazer um filme com tantas locações e personagens em 35mm com a verba que ganhamos do ministério. Ao fazer em digital, pudemos até economizar um pouco pro lançamento e terminar o filme com 550.000 reais. Vejo muitas produções hoje em cineclubes, oficinas de cinema e escolas que não seriam viáveis alguns anos atrás” .

“ A idéia de disponibilizar o filme para download é parte desse processo de democratização?”

“ Acho que a democratização da produção já aconteceu, e o que estamos vendo hoje é a democratização da distribuição: de repente, se acham coisas raríssimas, incríveis, na internet, aí o sujeito vai e passa isso pros amigos ou no cineclubes... o que falta é organizar esse compartilhamento de arquivos para que os realizadores independentes possam tirar proveito disso. Ouvi dizer que os cineclubistas estão se articulando para criar uma rede... acho que podemos já vislumbrar um circuito alternativo completo, com distribuição, exibição e produção viabilizados pela tecnologia digital. Nós vamos nos beneficiar muito dessas redes de compartilhamento de arquivos que nos abrem a possibilidade de arcar com o custo da própria distribuição digital.

O fato de disponibilizarmos o filme para download parte da mera constatação de que seu público está habituado a baixar vídeos pela internet, gosta de assisti-los no seu computador. Por isso o oferecimento do filme vai ser feito através das redes p2p: eMule, bitTorrent e gnutella.”

“Você optou por não amarrar o filme a um único final, inclusive exibindo-o em salas de cinema com finais diferentes. Por que essa opção?”

“A versão original do filme em 35mm tem um final aberto a várias interpretações. Com a distribuição digital, nós percebemos que poderíamos fazer a experiência de levar essa multiplicidade ao pé da letra, mostrando esses finais em diferentes versões. Assim, quem assistir o filme em salas de exibição em 35mm vai ver uma versão diferente de que vai assistir em exibição digital. Além disso, a versão da internet será 20 minutos mais curta e terá ainda um terceiro final.

O que estamos estudando agora é a possibilidade de radicalizar a democratização do filme: vamos disponibilizar uma versão completa, em alta qualidade, para download, através de uma licença “creative commons”, que permite a qualquer pessoa reeditar o filme. Depois, no lançamento em DVD, queremos incorporar algumas dessas versões criadas pelo próprio público ao DVD, fechando um ciclo e criando uma nova proposta de obra aberta.”

ASSESSORIA DE IMPRENSA

LEAD Comunicação - Flávia Tenório e Priscila Bessa

tel (21) 2285-4584/ 3826-2075 / 9348-9189

leadcom@terra.com.br

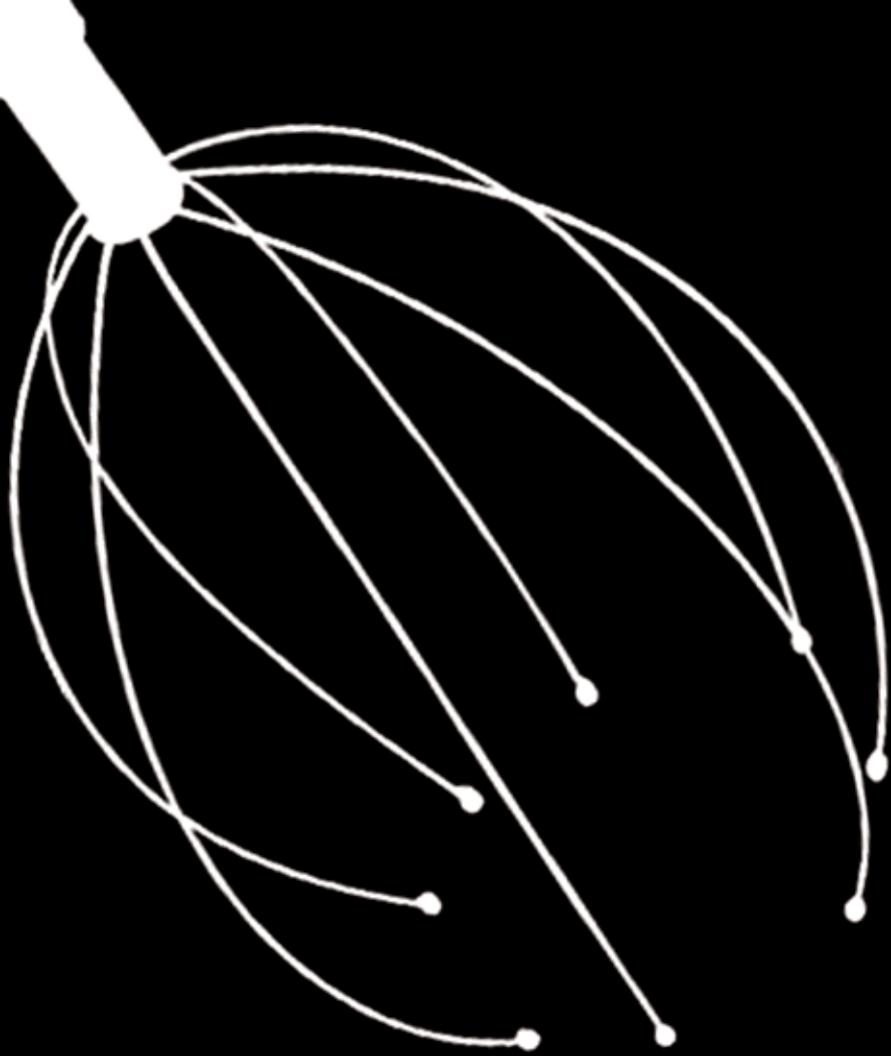
Para envio de imagens:leadcom@gmail.com.br

DISTRIBUIÇÃO Filmes do Estação

Imprensa:

Liliam Hargreaves - tel: (21) 2266-9900 formigas@estacaovirtual.com

Julia Levy - tel(21) 9871-9309 julialevy@estacaovirtual.com



PRODUÇÃO Clélia Bessa e Hilton Kauffmann • **PRODUÇÃO EXECUTIVA** Clélia Bessa e Gustavo Baldoni • **DIRETORA ASSISTENTE** Paola Leblanc • **FOTOGRAFIA** Aloysio Raulino • **ARTE** Rafael Targat • **FIGURINO** Maira Sala • **SOM DIRETO** Pedro Moreira • **MÚSICA** Felipe Rocha e Lucas Marcier • **EDIÇÃO DE SOM** Rodrigo Marçal • **MONTAGEM** Eduardo Nunes e Flávio Zettel • **NUVENS** Fernanda Ramos